

## **DA ANTROPOFAGIA LITERAL À LITERÁRIA: A CIA DOS ATORES E O TEATRO ANTROPOFÁGICO DE OSWALD DE ANDRADE**

Werlesson Grassi Sant'Ana (Mestrado/ Bolsa Reuni)

Poéticas da Cena e do Texto Teatral

Esta pesquisa, em andamento, originou-se de modificações de projeto inicial de mestrado que propunha, tendo por referencial teórico a *Estética da Recepção*, a pesquisa da recepção do texto *O Rei da Vela* de Oswald de Andrade em duas realidades sócio-históricas distintas: o momento de sua escritura, na década de 30, e o de sua primeira montagem na década de 60 sob a direção de José Celso Martinez Corrêa. Porém, durante o curso das disciplinas do mestrado, entrei em contato com algumas leituras acerca das experiências teatrais contemporâneas, o que me despertou o interesse de pesquisa e julguei que estudar a recepção da obra oswaldiana por algum grupo de teatro contemporâneo poderia trazer um frescor ao meu projeto. Assim, propomos uma aproximação de duas montagens de Oswald de Andrade realizadas pela Cia dos Atores, *A Morta* (1992) e *O Rei da Vela* (2000). Nesta fase da pesquisa, debruçamo-nos sobre o teatro antropofágico de Oswald de Andrade. Posteriormente, buscaremos perceber quais os potencialidades originadas da fricção da Cia com este teatro antropofágico: um teatro caleidoscópico, que te lança por meio da síntese a realidades diversas e que exige um leitor/expectador disposto a montar as peças do jogo, a engendrar um jogo possível.

Assim, inicialmente, nesta fase da pesquisa, aproximamo-nos da poética dramatúrgica oswaldiana (da poética de suas peças escritas na década de 30 do século XX) considerando-a como uma concretização textual possível das teorizações de Oswald de Andrade acerca da antropofagia literária, que, segundo Carlos Fausto (2011) foi inspirada na antropofagia literal. Em primeiro lugar, Fausto (2011) observa que o grupo que serviu de inspiração aos modernistas foi o tupi-guarani, grupo que ocupava a costa atlântica no momento da conquista. É a antropofagia dele, segundo o autor, que servirá de mote para a *Revista de Antropofagia*. Castro (2011), ao tratar dos Tupinambá, chama a atenção para o fato de que os maus costumes ameríndios, atribuídos assim pelos jesuítas, que consideravam estes como o maior empecilho para a conversão daqueles, “[...] eram sua verdadeira religião, e que sua inconstância era o resultado da adesão profunda a um conjunto de crenças de pleno direito religiosas [...]” (CASTRO, 2011: p.192). Ele observa que, neste conjunto de crenças, “[...] O

outro não era ali apenas pensável – ele era indispensável” (2011: p.195). Assim, há a busca de absorver o outro para neste processo alterar-se.

Quanto à antropofagia literária proposta por Oswald, Fausto defende que, embora o índio no oswaldiano seja uma figuração distante da realidade efetiva, a antropofagia como metáfora parece-lhe “[...] expressar uma compreensão profunda do canibalismo como operação prático-conceitual [...]” (FAUSTO, 2011: p.163). O desejo do matador, segundo Fausto, é apropriar-se da perspectiva do outro a tornando outra consciência-de-si. Esse esquema relacional contraditório (conversão da relação de predação em familiarização), para ele, é o que melhor descreve a operação canibal. É nesse sentido que Fausto defende que

[...] a metáfora antropofágica modernista era congruente com as representações indígenas. Em ambos os casos [...] o movimento não deve ser entendido como mera identificação ao outro nem como simples negação do outro. O canibal nega sua presa ao mesmo tempo que a afirma, pois emerge da relação como novo sujeito afetado pelas capacidades subjetivas da vítima [...] (FAUSTO, 2011: p.169).

No que tange à antropofagia modernista, defende ainda que

Ao buscar navegar entre o nacionalismo regressivista e o mimetismo auropeizante para construir uma literatura nacional internacional, ao visar um nacional por adição, a antropofagia modernista talvez tenha sido, de fato, fiel ao espírito de canibalismo tupi [...] (FAUSTO, 2011: p.169).

Qual a potência da dramaturgia oswaldiana? O que sua poética apresenta de possibilidade de pensamento sobre o teatro moderno e contemporâneo? Gardin afirma, em sua tese de doutoramento que tem como guia o conceito de teatro antropofágico, que revisitar Oswald é antropofagizar-se em seu mundo, comer e ser comido pelo texto e lança a pergunta: “Mas o que fica desta visita a um universo textual tão intrincado, interseccionado, múltiplo em suas relações e, principalmente, repleto de contradições?” (GARDIN, 1993: p.47).

Segundo Gardin, sobre o texto de Oswald, tudo parecia possível de ser comido, devorado, experimentado e se tornar matéria prima para a invenção do texto e da vida. Assim, o universo está no texto e o texto no universo. Gardin afirma que Oswald ataca as estruturas que determinam os padrões que moldam a arte e a vida. Ele afirma ainda que o autor revela e ataca essas estruturas por meio da paródia, elemento antropofágico por implicar a existência de outro discurso a ser deglutido. Nas suas palavras, “[...] Apropriando-se, então deste outro discurso, demonstra-o e estabelece um discurso paralelo: canto paródico. Neste processo, seu próprio texto se revela enquanto avesso” (1993: p.49-50). Nesse sentido, acrescenta que

Oswald cria novas relações estruturais através do diálogo entre discursos (inter-textualidade) e assim busca com tenacidade a mudança da forma de se perceber o universo através de sua escritura. O que pretende mudar, transformar, em resumo, é o hábito de percepção das relações estruturais e, com isto, mudar o comportamento nas relações sociais, estéticas e morais (1993: p.50).

Gardin destaca que Oswald buscava uma nova função para o teatro, queria devolver-lhe o cunho de comunicador de massa, um teatro para estádios, um teatro feito para a massa popular. Há uma vontade de transformação na poética oswaldiana e sua recepção está sob a mira dele.

Seu texto indica a radicalidade da ação antropofágica, “[...] Uma atitude de radical transformação do conceito de teatralidade, de encenação e de representação das relações universais [...]” (1993: p.53). Para Gardin, o teatro antropofágico oswaldiano, parte integrante do sistema da antropofagia,

[...] é uma forma radical de que nega o comportamento do passado [...] Antropofagia é um modo de ser radicalmente oposto ao modo de ser/estar no mundo da tradição cultural e social brasileiras. A radicalidade do teatro de Oswald está, por conseguinte, principalmente no processo de construção que busca montar um novo sistema (análogo à estrutura de contrastes da sociedade brasileira) e que permita a percepção diferenciada e posterior modificações dos hábitos sócio-culturais (1993: p.93).

Ainda sobre a antropofagia oswaldiana, afirma que ela pode ser aplicada também ao seu teatro, pois no teatro Oswald também é um comedor. Assim, nas suas palavras, ele

[...] Absorve as tendências vanguardistas de fora, digere-as inteligentemente e constrói com astúcia um sistema de espetáculo teatral totalmente novo, rejuvenescido que, não só questiona o nosso teatro tradicional, nossa cultura tradicional, mas, também apresenta-nos um novo modo de teatralizar que, sem dúvida alguma, revolucionará todo o Teatro bem como oferecerá subsídios para uma nova postura de toda a poética brasileira em termos de cinema, música, de espetáculo, enfim.

[...] O teatro de Oswald busca o nacional comendo a tradição e absorvendo as estruturas da vanguarda internacional [...] (GARDIN, 1993: p.95-96).

Assim, ao entrarmos em contato com a materialidade textual da dramaturgia antropofágica oswaldiana, estamos diante de um texto originado por uma relação específica com a alteridade, geradora de mecanismos poéticos como a síntese e a colagem, um universo textual caleidoscópico que nos lança a realidades sócio-históricas e estéticas diversas e que requer um leitor-espectador ativo no sentido de abertura para o jogo e disposto a engendrar um jogo possível, disposto à

transformação por meio deste. Um jogo com o real e desejoso de interferência nele. Buscaremos posteriormente perceber quais as potencialidades originadas da fricção/recepção da Cia dos Atores com este teatro antropofágico.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. A mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem. In: **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2011. P. 183-264.

SANTOS, Fabio Cordeiro dos. **Processos criativos da cia. dos Atores**. Dissertação apresentada ao curso de mestrado em Teatro da Universidade do Rio de Janeiro. Centro de Letras e Artes. 2004.

FAUSTO, Carlos. Cinco Séculos de Carne de Vaca: Antropofagia Literal e Literária. In: ROCHA, João César de Castro & RUFFINELLI, Jorge (Orgs.). **Antropofagia hoje?: Oswald de Andrade em cena**. SP: É Realizações, 2011. P. 161-169.

GARDIN, Carlos. **O teatro Antropofágico de Oswald de Andrade: da ação teatral ao teatro de ação**. São Paulo: ANNABLUME, 1993.